

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR

Beatriz Santana do Carmo (UEMASUL)

beatriz-santana1995@hotmail.com

Maria da Guia Taveiro Silva (UEMASUL)

mariadaguiats@gmail.com

Roniela Almeida Moreira (UEMASUL)

ronielameida@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho se insere na área dos estudos linguísticos, especificamente na Sociolinguística. Ele teve como objetivo verificar como se dá a interferência da oralidade na escrita e qual a percepção linguística do professor no contexto escolar. A pesquisa foi realizada em uma escola de Zona Rural, no município de Imperatriz-MA, tendo como público-alvo alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e professores das turmas-alvo, com foco nas aulas de Língua Portuguesa. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de cunho etnográfico. Neste estudo, foram feitas observações, entrevista semiestruturada com a professora de Língua Portuguesa, registro de informações e análise documental de textos dos alunos. No aporte teórico encontra-se, principalmente, Bortoni-Ricardo (2004), Martins *et al.* (2014) e Marcuschi (2001). Para o estudo, partiu-se do princípio de que são poucas as pesquisas realizadas em escolas de zona rural e que a maioria dos alunos inseridos nesse tipo de contexto são usuários de uma variedade linguística, que comumente é estigmatizada. Os resultados mostram que os alunos mesmo em fase final do Ensino Fundamental, ainda, apresentam dificuldades no domínio da escrita; com o uso da língua padrão. A produção escrita deles contém marcas de oralidade. Percebeu-se que os professores buscam solucionar ou minimizar as dificuldades dos alunos, mas sem muitos avanços. O ideal seria fazer acompanhamento individual dos alunos, mas não é possível. Este estudo é relevante para a área educacional, por poder fortalecer a prática pedagógica do professor, ao tratar de questões linguísticas existentes na escola, com peculiaridades do meio rural. Essa prática pode ser relacionada, principalmente à produção textual, bem como contribuir para o combate ao preconceito linguístico.

Palavras-chave:

Ensino. Oralidade. Variação linguística.

ABSTRACT

The present work is in the area of linguistic studies, specifically in Sociolinguistics. It aimed to verify how the interference of orality in writing occurs and what is the teacher's linguistic perception in the school context. The research was conducted in a school in the Rural Area, in the city of Imperatriz-MA, targeting students from the final years of elementary school and teachers of the target classes, focusing on Portuguese language classes. This is a research with qualitative approach of ethnographic nature. In this study, observations were made, a semi-structured interview with the Portuguese teacher, information recording and document analysis of student texts. In the theoretical contributions, we find mainly Bortoni-Ricardo (2004), Martins *et al.* (2014)

and Marcuschi (2001). For the study, it was assumed that there is little research conducted in rural schools and that most students in this type of context are users of a linguistic variety, which is commonly stigmatized. The results show that students even in the final phase of elementary school still have difficulties in the domain of writing with the use of the standard language. Their written production contains oral marks. It was noticed that the teachers seek to solve, minimize student difficulties, but without much progress. Ideally, students should be individually monitored, but it is not possible. This study is relevant for the educational area, as it can strengthen the pedagogical practice of the teacher, when dealing with language issues in the school, with peculiarities of the rural environment. This practice can be related mainly to textual production, as well as contribute to the fight against linguistic prejudice.

Keywords:

Orality. Teaching. Linguistic variation.

1. Considerações iniciais

Refletir sobre a educação na zona rural, em um primeiro momento, é pensar a função social que esta exerce na formação da identidade sociocultural e linguística dos sujeitos que vivem no campo. É neste processo que a escola deve se estabelecer, como um espaço de fortalecimento de valores, vivência e cultura das comunidades camponesas. Deste modo, o Brasil é, por sua formação histórica, um país plurilíngue, e apresenta um dinamismo inerente à variabilidade da língua.

Assim, esta pesquisa parte do princípio de que são poucas as pesquisas realizadas em escolas de zona rural e que a maioria dos alunos inseridos nesse contexto são usuários de uma variedade linguística, que comumente é estigmatizada. O fato é que o aprendiz ao chegar à escola se depara com a língua culta – aquela que até então não se encontrava tão presente no seu cotidiano. Dessa maneira, aqueles que estão inseridos em contextos fora da sala de aula, nos quais pouco se faz uso da norma padrão, acabam sofrendo preconceito por parte daqueles que já a conhecem e julgam a forma de falar, que não seja a considerada como culta.

Em se tratando do uso da língua em sala de aula, pode-se dizer que a escola é um lugar que pode contribuir muito para a ampliação do conhecimento do aluno quanto à diversidade linguística. Nela, ele pode aprender que a língua varia e que, embora a forma de falar varie todas elas são legítimas. Assim, como há variação na fala, é provável que, principalmente nos anos iniciais, o aluno transfira a variação da fala para a escrita.

Nesse contexto, insere-se o presente estudo, que tem como objeti-

vo verificar como se dá a interferência da oralidade na escrita e qual a percepção linguística do professor no contexto escolar. Assim, foi realizado em uma escola da Zona Rural, pertencente à rede pública municipal de ensino, localizada a vinte e cinco quilômetros da cidade de Imperatriz, Maranhão.

A pesquisa faz parte dos estudos linguísticos, especificamente Sociolinguística, que surgiu com o propósito de estudar/analisar a linguagem e suas estruturas dentro da sociedade. Assim, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de cunho etnográfico, que teve como público-alvo alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, oitavo e nono ano, e professores das turmas-alvo, com foco nas aulas de Língua Portuguesa. No aporte teórico, encontram-se, principalmente, Bortoni-Ricardo (2004), Martins *et al.* (2014) e Marcuschi (2001).

Este estudo é relevante para a área educacional, por poder fortalecer a prática pedagógica do professor, ao tratar de questões linguísticas existentes na escola, com peculiaridades do meio rural. Essa prática pode ser relacionada, principalmente à produção textual, bem como contribuir para o combate ao preconceito linguístico.

Além disso, contribui para a formação de uma prática pedagógica reflexiva, que leve em consideração a realidade dos educandos, principalmente os de escola do contexto de zona rural, especialmente o conhecimento sobre o tratamento da variação linguística e o uso da língua, seja escrita ou falada.

2. A sociolinguística e suas contribuições

A sociolinguística é uma das subáreas da Linguística, termo que fixou-se em 1964, a partir de um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Ela leva em consideração a vivência linguística dos falantes, estudando a língua em situações reais de uso (MUSSALIM; BENTES, 2012, p. 33).

Mollica e Braga (2003, p. 10) destacam que a sociolinguística leva em consideração “a importância da linguagem, dos pequenos grupos socioculturais a comunidades maiores”. Assim, o que se nota é que em toda comunidade linguística, a língua apresenta variação, caracterizando-se por diferentes modos de falar.

Cabe destacar que a língua seja ela falada ou escrita, reflete na or-

ganização da sociedade, principalmente, no que se refere ao modo como os indivíduos se relacionam. Marcuschi (2010) enfatiza que a oralidade e a escrita são duas formas de expressão e de comunicação, sendo consideradas como práticas sociais. A primeira se caracteriza por ser um fator de identidade social e regional dos indivíduos, enquanto que a segunda não é tida como um fator de identidade, por não ser estigmatizada e por seguir um padrão.

Na perspectiva da sociolinguística, a escrita é analisada por um ângulo diferenciado da língua oral, pois na escrita não são aceitas as chamadas transgressões ortográficas, uma vez que esta é baseada no código prescrito pela gramática, não permitindo, desta forma, variações (BORTONI-RICARDO, 2004). Ao contrário da oralidade, a diferença na forma de falar não deve ser considerada como “erro”, mas apenas como uma questão de inadequação.

Assim, o professor precisa alertar seu aluno sobre o que se deve levar em consideração ao fazer uso da língua. Por exemplo, ele deve atentar para o contexto de produção e com quem fala, e fazer as adequações. Não se deve cometer o equívoco de supor que a fala é um lugar de desordem e entender somente “a escrita como o lugar da norma e do bom uso da língua” (MARCUSCHI, 2001, p. 28). Destarte, deve-se oportunizar ao aluno o entendimento do sistema linguístico segundo seu aspecto sociointeracionista, variacionista, desmistificando a ideia errônea da língua como algo homogêneo e estanque, em todos os seus aspectos.

2.1. A oralidade e a escrita no contexto escolar

Em se tratando da língua, é pertinente ao homem procurar entender os aspectos que fundamentam a escrita e a oralidade, bem como elas devem ser ensinadas em sala de aula: de forma que não seja desprestigiado o que o aluno adquiriu em contextos não escolares. Conforme Martins et al (2014, p. 14), “o professor de língua portuguesa precisa (re)conhecer essa pluralidade de normas com as quais efetivamente terá de trabalhar na sala de aula”. Assim, a linguagem deve ser abordada como um fenômeno composto pela pluralidade de uso.

Por sua vez, a fala é proveniente do cotidiano, da informalidade que está presente principalmente no meio familiar, na Igreja, na comunidade na qual o falante está inserido. Já a escrita se manifesta nas instituições que utilizam situações formais e a escola é uma delas (MARCUS-

CHI, 2001).

Sabe-se que a escrita e a oralidade possuem aspectos próprios que se distinguem em diversas formas. É relevante lembrar, ainda, que apesar de seguir padrões linguísticos rígidos, pode-se encontrar traços de oralidade no texto escrito. O aluno que não se apropriou da escrita, ao redigir um texto utilizará os vocábulos que são geralmente conhecidos na sua oralidade e assim, ele procura registrar a grafia segundo a pronúncia das palavras. Pois, certa parcela dos aprendizes tem a tendência de trazer para sua escrita influência da fala. A respeito disso, Coelho *et al.* (2015) reiteram que:

[...] a criança manifesta espontaneamente “ecos” naturais de sua pronúncia e também incorpora aspectos convencionais da escrita encontrados na sociedade em que está inserido. [...] Ela recorre à oralidade para levantar hipóteses sobre a escrita e, ao usar alguma convenção da escrita, conduz também uma análise da própria fala. (COELHO *ET AL.* (2015, p. 149)

No Brasil, a variação linguística sempre esteve presente na fala da população, mesmo que muitos a menosprezem. Nos próprios PCN é ressaltado que a “variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá” (BRASIL, 1998, p. 29). Assim, é evidente que a valorização da variação linguística é relevante para o avanço educacional do nosso país, pois para a obtenção de resultados satisfatórios, faz-se necessário aceitar estas variações como algo positivo, visto que enriquece a nossa língua.

2.1.1. O papel do professor e da escola

O trabalho do professor, principalmente o de língua portuguesa é primordial para a boa formação linguística dos educandos. Cabe a ele orientá-los e ajudá-los a desenvolverem a capacidade comunicativa da melhor maneira possível. Assim, o professor precisa ter conhecimento teórico da sociolinguística para poder oferecer ao seu discente, subsídios que contribuam para valorização da língua culta quanto a considerada como não culta – as outras variedades linguísticas. O ideal é que se consiga retirar o rótulo do falar certo e do falar errado e/ou de que não se sabe falar. Em relação a isto, é descrito nos PCN (BRASIL, 1998) que:

[...] para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos: o de que existe uma forma correta de falar, o de que a fala de uma região é melhor da que a de outras, o de que a fala correta é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

que é preciso consertar a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. (BRASIL, 1998, p. 31)

Neste contexto, entende-se que para que se tenha este tipo de avanço no ensino da língua faz-se necessário que aconteçam mudanças na pedagogia, na educação, tendo uma atenção específica em relação à linguagem coloquial – a que muitos, no ambiente escolar, consideram como “erros de português” (BORTONI-RICARDO, 2004). O fato é que uns reagem de forma preconceituosa constringendo o seu discente, ou não faz nenhuma intervenção no sentido de mostrar a eles as variedades linguísticas existentes na língua portuguesa.

Não há dúvidas de que a escola, como a principal instituição responsável pela formação de cidadãos letrados e críticos, precisa ter como prioridade a formação do sujeito. E deve fazer o trabalho levando em conta a sua vida escolar, profissional, como também as questões relacionadas à comunidade da qual faz parte, e isto contribui para este ter uma visão mais ampla do mundo que o cerca. Então, quando se fala em linguagem não se pode esquecer que a escola tem a função de criar condições, que favoreçam o desenvolvimento e aprimoramento do repertório linguístico dos discentes.

Neste sentido, pode-se dizer que não há como falar de variedade sem abordar a variação linguística. Sem se considerar que há fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam a fala, e que podem ser refletidos na escrita. Entre estes, podem se destacar “fatores geográficos, socioeconômicos, de faixa etária, de gênero (sexo), da relação estabelecida entre os falantes e do contexto de fala” (BRASIL, 1998, p. 29), principalmente quando se trata de pessoas de contextos mais isolados, como os de zona rural.

3. *A educação na zona rural*

O atraso educacional, conseqüentemente, contribuiu e ainda contribui para a desigualdade social no Brasil, muitos brasileiros vivem em condições precárias, sobretudo na zona rural, onde, em geral, predomina a pobreza e a exclusão educacional. Em 1808, período em que D. João VI estava no poder, ele realizou diversas ações em vários setores da sociedade, mas na área do ensino básico e médio nada se fez, “especialmente no tocante a uma educação rural, que, se hoje ainda é um sonho, mais ainda naquela época, em que a população rural era formada, na sua maioria, de índios, negros escravos e brancos pobres” (MARINHO, 2008, p.

34).

Nesse contexto, outro fator que se deve levar em conta ao insucesso das escolas rurais é a falta de condições básicas na educação. Há muitas instituições educacionais funcionando de forma precária, principalmente no que se refere aos requisitos de infraestrutura e professores com formação superior. Na Educação Básica do Brasil, “cerca de um quarto dos profissionais ainda não tem formação superior” (BRASIL, 2016, p. 106). Neste sentido, não são asseguradas melhorias ideais ou significativas na qualidade do ensino, principalmente na escola de zona rural.

Como resultado, são vários os problemas a serem superados, como a inserção do educando em sala de aula na idade certa e a sua permanência no ambiente escolar. Observa-se, que na zona rural existem muitos alunos que não se encontram de acordo com a idade-série, e isto pode estar relacionado à qualidade do ensino que é ofertado, uma vez que, nem sempre ele atende os anseios destes educandos.

Nas últimas décadas já se percebe uma melhora em alguns aspectos da educação rural. O Brasil tem procurado fazer mudanças no que diz respeito ao avanço da educação na zona rural. Mas, ainda é significativa a disparidade entre a escola rural e a urbana, o Censo Escolar de 2014 revela que “em 2000, a proporção de crianças e adolescentes fora da escola nas zonas rurais era de 13%, contra 5,1% nas zonas urbanas. Em 2010, os índices eram de 5% e 2,9%, respectivamente” (BRASIL, 2014, p. 39), percebe-se um crescimento.

A educação rural deve primar por um currículo com aspectos que enfatizem os valores das famílias camponesas; com metodologias e ações que venham valorizar o homem do campo. A valorização deve ser principalmente no que se refere à sua cultura, ao seu modo de vida, à parte integrante da sua identidade.

4. *Análise e discussão*

A pesquisa teve como principal objetivo verificar como se dá a interferência da oralidade na escrita e qual a percepção linguística do professor no contexto escolar.

Como o foco principal da pesquisa foram os educandos e educadores foram feitas algumas anotações, observações e entrevistas infor-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

mais, porém o corpus principal foram os textos escritos pelos alunos, e a escolha dos mesmos para análise se deu de forma eventual.

Para a análise, foram elaboradas algumas categorias, com foco nos objetivos, as quais são: a variação linguística no contexto escolar e a percepção do professor; as dificuldades para escrever e o tratamento dado aos textos dos alunos, pelo professor. Porém, inicialmente, vai ser levantado o contexto sociocultural dos alunos.

4.1. Contexto da pesquisa

O estudo foi realizado em uma escola pertencente à rede pública municipal de ensino, localizada em um povoado que dista vinte e cinco quilômetros da cidade de Imperatriz. Esta escola fica à margem da Estrada do Arroz, nas proximidades da empresa “Suzano papel e celulose”.

Conforme um dos gestores, a escola foi fundada em 1973, mas não funcionava em espaço adequado. Em 1982, foi construído um pequeno prédio, e hoje a escola conta com cinco salas de aula, uma sala para os professores, uma cantina, um auditório, uma dispensa, uma secretaria, dois banheiros com acessibilidade.

Além disso, possui energia elétrica, TV, uma impressora, computadores na área administrativa, DVD, *notebook*, um projetor de multimídia e um laboratório de informática. No entanto, o *notebook* e os computadores do laboratório não estão funcionando. Na escola é oferecida merenda para os alunos.

A instituição funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno, sendo que neste último atende aos educandos da Educação de Jovens e Adultos. A escola conta com duzentos e cinquenta alunos, que são provenientes, também, de outras localidades vizinhas como Matança, Açai-zal, Esperantina, Bacaba, São Félix, entre outras.

A turma alvo da pesquisa era composta por vinte e três alunos no oitavo ano e vinte no nono, com faixa etária de treze a dezessete anos de idade. Vale ressaltar que a maioria dos colaboradores era do sexo feminino. Na turma, havia professores com curso superior e outros que ainda estavam cursando.

Com relação ao povoado, nele reside cerca de duzentas famílias, a maioria de baixa renda, que possuem o sustento baseado na agricultura familiar.

4.2. A concepção linguística do professor

O uso da língua se dá de forma distinta em cada grupo da sociedade e isso se chama de variedade linguística. Ela se encontra em todos os contextos sociais, inclusive nas instituições educacionais. Dessa forma, esses aspectos precisam ser tratados/dialogados em sala de aula e o professor deve ter consciência disso.

Os próprios PCN tratam da variedade linguística e deve-se ter o intuito de oferecer um ensino inovador; adotar métodos que venham fortalecer o processo ensino–aprendizagem. Foi pensando nisso, que atualmente já há autores de manuais e livros didáticos, atendendo a recomendações legais, estão procurando trazer estas questões para serem trabalhadas no contexto escolar, mesmo por já ser uma das exigências legais do Ministério da Educação e Cultura – MEC, para a aprovação dos manuais didáticos.

Os resultados mostram que a maioria dos professores colaboradores desta pesquisa percebe as dificuldades dos alunos tanto na leitura quanto na escrita, em especial a de Língua Portuguesa, que começou a trabalhar na escola no primeiro semestre de 2017. Assim, foram feitos alguns questionamentos à professora de língua materna por acreditar que ela tivesse maior conhecimento sobre as questões linguísticas; por trabalhar diretamente com o ensino de língua e por ter conhecimento da teoria sociolinguística. Vale ressaltar que existe um “rodízio” de professores, pois a maioria é contratada pelo período de um ano, então a cada ano possui um novo quadro de docentes. Apresenta-se a seguir, um extrato da entrevista:

Fragmento 1 – Entrevista com a professora

Pesquisadora: *Pelo o que você observa em sala de aula, a fala dos alunos possui características próprias da sua comunidade e se possui, isso interfere na escrita deles?*

Professora: *Sim, eles possuem muitas dificuldades na escrita, mas isso não se deve apenas ao fato de pertencerem a comunidade rural, mas também outros fatores, defasagem de ensino, por exemplo.*

Pesquisadora: *Eu percebi nos textos e em algumas atividades que determinados alunos escrevem com reflexos da fala. Quais são as medidas que você toma para tentar sanar as dificuldades dos alunos, na escrita?*

Professora: *“Não tenho como abraçar o mundo com as pernas” as dificuldades que eles possuem já vem há anos, são resultado do péssimo sistema, eles não sabem ler e nem escrever, mas passa de ano em ano empurrados pelo sistema, e o que estou fazendo para melhorar a atual situ-*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ação é trabalhar leitura e a escrita juntamente com a gramática os instigando também para o posicionamento crítico.

Pesquisadora: *Professora, você notou alguma diferença com as medidas já tomadas para aprimorar a escrita dos alunos?*

Professora: *Muitas, assim que cheguei na escola eles se quer abriam a boca, agora se posicionam abertamente e mesmo com muitas dificuldades, eles escrevem. (E.: 29/ 07/ 2017)*

Os dados mostram que a colaboradora da pesquisa percebe as dificuldades que os alunos possuem em relação à escrita. Ela não vê os problemas de escrita dos alunos como um fator que seja exclusivamente oriundo dos falares da comunidade e, ressalta que existe um conjunto de fatores que contribuem diretamente na aprendizagem dos discentes e cita como exemplo a “defasagem no ensino”.

Além disso, ela destaca a dificuldade que tem enfrentado no ambiente escolar devido aos graves erros cometidos pelos alunos na escrita e estes não deviam ser tão recorrentes, por já estarem em anos finais do ensino fundamental. No entanto, esta triste realidade perdura na sala de aula, não só nesta escola, mais em várias escolas brasileiras. Diante disso, é notória a necessidade de um ensino transformador, que não apresente apenas quantidade, como também qualidade na educação brasileira.

A professora faz uma crítica referente ao sistema educacional, que alguns alunos, apesar de não saberem ler e escrever. Para ela, o aluno “*passa de ano em ano empurrados pelo sistema*”, e assim conclui o Ensino Fundamental e muitos ingressam no Ensino Médio sem ter domínio da leitura e da escrita. Dessa forma, o aluno que já tem um histórico de repetência cursa o ano seguinte para não ter distorção da idade-série, visto que, nem sempre o sistema preza pelo avanço educacional, mas sim por estatísticas.

Percebe-se, ainda, a preocupação da professora em relação ao reflexo da oralidade na escrita, pois como ela mencionou, tem buscado alternativas na tentativa de sanar as dificuldades dos discentes, como trabalhar “*leitura e escrita juntamente com a gramática*”, por exemplo. Contudo, ela ressalta que não é uma tarefa fácil, devido às dificuldades dos discentes persistirem há anos, e que ao chegar à escola se deparou com alunos que “*se quer abriam a boca*” e com as suas estratégias de ensino já conseguiu realizar algumas mudanças referentes a isso, uma vez que, os alunos começaram a participar durante as aulas e “*escrevem mesmo com dificuldades*”.

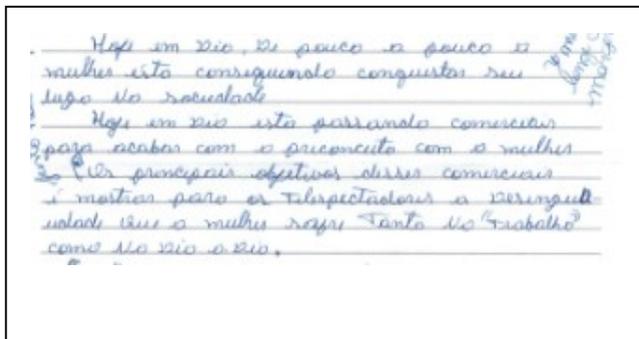
Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Nesta perspectiva, ressalta-se a importância de os professores terem conhecimento teórico da sociolinguística e o utilizarem em sala de aula, com o intuito de oferecer subsídios necessários para o discente se apropriar do sistema linguístico. Assim, ele deve contemplar no ensino não somente a gramática normativa, mas também outros aspectos como as variedades linguísticas para o aluno ter conhecimento do uso da linguagem formal e informal e saber utilizá-la nos mais diversos contextos de comunicação (BRASIL, 1998).

5. *Implicações das marcas de oralidade na escrita*

Neste tópico será feita a análise dos textos de forma a perceber se há marcas de oralidade na escrita e discutir o porquê de tal fenômeno, se for o caso. Além disso, para fazer algumas reflexões a respeito das dificuldades dos alunos e o tratamento dado pelo professor ao corrigir os textos dos discentes, serão usados fragmentos de textos escritos pelos alunos, como o a seguir:

Fragmento 02 – Texto de um aluno do 8º ano, de 15 anos.



Transcrição do fragmento do texto do aluno do 8º ano, de 15 anos.

- (1) Hoje em **Dia, De** pouco a pouco a
- (2) mulher **ésta** conseguindo **conquistar** seu
- (3) **luga Na sociedade**
- (4) Hoje em **Dia** esta passando comerciais
- (5) para acabar com o preconceito com a mulher
- (6) Os **prencepais** objetivos desses **comerceais**
- (7) é mostrar para os **Telespectadores a Desengua-**
- (8) **udade Que** a mulher sofre **Tanto No "Trabalho"**
- (9) como **No Dia a Dia.**

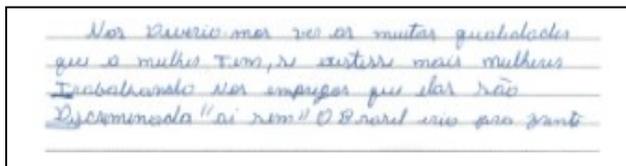
Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Neste fragmento, pode-se identificar erros decorrentes do não domínio da estrutura da língua como causados por variação entre fala e escrita a exemplo disso, uso impróprio da letra maiúscula em ‘dia’ > Dia, ‘de’ > ‘De’, ‘na’ > ‘Na’, ‘telespectadores’ > ‘Telespectadores’, ‘desigualdade’ > ‘Desengauidade’, ‘que’ > ‘Que’, ‘tanto’ > ‘Tanto’, ‘no’ > ‘No’ e ‘trabalho’ > ‘Trabalho’ (linha 1, 2, 4, 7, 8 e 9); e a ausência do pingo no ‘i’ nos vocábulos ‘conquistar’ > ‘conquistar’, ‘comerciais’ > ‘comerceais’, ‘principais’ > ‘prencepais’ e ‘desigualdade’ > ‘desengauidade’ (linha 2, 6 e 7).

Além disso, outros problemas foram identificados, a acentuação indevida, na primeira sílaba do verbo ‘ésta’ > ‘está’ (linha 2), houve um deslocamento do acento, evento chamado de sístole. Na palavra ‘desigualdade’ ocorre assimilação, pois a consoante /l/ foi transformada na vogal /u/, o que resultou em ‘desigauidade’ (linha 7). A falta de concordância verbal ficou explícita no verbo ‘mostram’ > ‘mostra’ e a supressão do ‘r’ no infinitivo na palavra ‘lugar’ > ‘luga’ (linha 3). Mas, deslizes como este não significa que o discente não tenha discernimento da marca do infinitivo, dado que no decorrer do texto ele registra diversas palavras no infinitivo de forma correta. Ressalta-se que não se identificou o que foi feito, no sentido de mostrar, para o aluno, a forma correta de se escrever as palavras.

A seguir, apresentam-se mais um fragmento:

Fragmento 03 – Texto de um aluno do 8º ano, de 15 anos.



Transcrição do fragmento do texto do aluno do 8º ano, de 15 anos.

- (1) **Nos Deveria-mos** ver as **muetas qualedades**
- (2) que a mulher **Tem**, se **exestesse** mais mulheres
- (3) **Trabalhando Nos** empregos que elas são
- (4) **Descremendada** “ai sem” **O Brasil** iria **pra** frente.

No fragmento antecedente, o pronome pessoal ‘nós’ > ‘nos’, e os termos ‘têm’ > ‘tem’ e ‘deveríamos’ > ‘deveria-mos’ (linha 1 e 2) não foram acentuados pelo aluno. Ele faz o uso do hífen de forma inapropriada

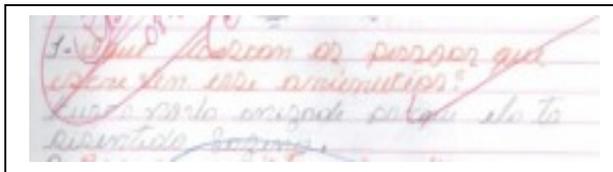
Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

no último verbo citado (deveríamos). Além disso, o discente continua usando as letras maiúsculas incorretamente e empregando o ‘e’ ao invés do ‘i’, que é uma marca de oralidade, e mais uma vez ele faz a supressão da letra ‘a’ na palavra ‘para’.

Percebe-se, que o aluno pouco fez o uso da pontuação no decorrer da redação e este fator pode estar ligado a questões da própria oralidade, de modo que o aluno pontua conforme o ritmo da sua fala. Também, ficou perceptível que ele ainda não possui o conhecimento necessário da língua padrão, pois cometeu muitos erros ao escrever.

Na amostra a seguir, será analisada a atividade de uma aluna. Assim, podemos verificar as marcas de oralidade e o tratamento que o professor dá à escrita deste em escolas rurais.

Fragmento 04 – Atividade de uma aluna do 8º ano, de 14 anos.



Transcrição do fragmento da atividade da aluna do 8º ano, de 14 anos.

- (1) 1 – O que buscam as pessoas que escrevem esse anúncios?
- (3) **busca nova anizade** porque ela **ta**
- (4) **sisentido Sozino.**

As perguntas desta atividade foram copiadas do livro de Língua Portuguesa. Nota-se, que a aluna, ao copiar as perguntas comete alguns erros, como na primeira questão, o pronome demonstrativo ‘esses’ > ‘esse’ (linha 2) não está fazendo concordância com os termos ‘escrevem’ e ‘anúncios’, pois se encontram no plural e o pronome citado está no singular.

Na resposta da questão, se tomar como base a pergunta, identificam-se inadequação na expressão ‘buscam novas amizades’ > ‘*busca nova anizade*’ (linha 3), pois não é feita a concordância dos termos, como também há troca da letra ‘m’ por ‘n’ na palavra ‘amizade’ (linha 3).

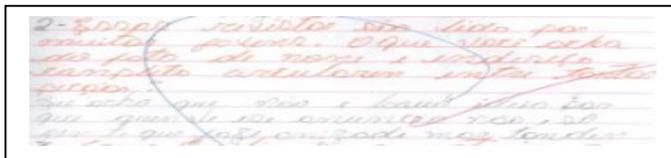
Além disso, ficam evidentes as marcas de oralidade na escrita,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

uma vez que, o fragmento mostra que a discente escreve diversas palavras segundo a pronúncia, como é perceptível na sentença ‘está se sentindo sozinha’ > ‘*tasisentidoSozino*’ (linha 4). Nesse caso, o ‘tá’ é bem característico da fala, mas na escrita não deve ser utilizado, visto que, foge da norma padrão, porque é realizada a supressão de dois fonemas no início da palavra, evento designado como aférese. No termo ‘se sentindo’ > ‘*sisentino*’ ocorrem vários fenômenos, como a falta de segmentação (junção dos termos) ‘se’ e ‘sentindo’ e o apagamento da consoante ‘d’. Assim como, é notável na palavra ‘sozinho’ > ‘*Sozino*’ o emprego inapropriado da letra maiúscula e a supressão do ‘h’ (TAVEIRO-SILVA, 2012).

O próximo fragmento dá mais subsídio para a análise:

Fragmento 05 – Atividade de uma aluna do 8º ano, de 14 anos.



Transcrição do fragmento da atividade da aluna do 8º ano, de 14 anos.

- (1) 2 – Essas revistas são **lida** por
- (2) muitos jovens. O que você acha
- (3) do fato de **none** e endereço
- (4) **completo** circularem entre tantas
- (5) **peçoas**?
- (6) Eu acho que não e **boua** ideia **por**
- (7) **quequeneese** **anuncio** não e **so**
- (8) **gen** te que **faze** **anizade** **mar** **tanden**.

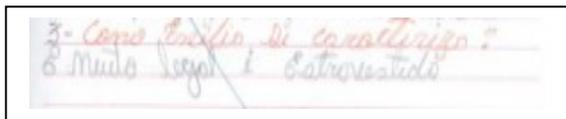
Neste fragmento, que contém a segunda questão, verificamos um erro muito habitual na escrita dos alunos que é a ausência da concordância nominal, pois como é de se perceber o termo ‘lidas’ > ‘lida’ (linha 1) não está concordando com o verbo de ligação ‘são’ e com o substantivo ‘revistas’. Ademais, percebe-se a dificuldade da aluna em diferir os segmentos sonoros ‘m’ e ‘n’ e dessa maneira ela faz a troca das mesmas nas palavras ‘nome’ > ‘*none*’, ‘completo’ > ‘*completo*’, ‘quem’ > ‘*quen*’, ‘amizade’ > ‘*anizade*’ e ‘também’ > ‘*tanden*’ (linha 3, 4, 7 e 8) (BORTONICARDO, 2004).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Pode-se observar também que, a aluna faz a troca de segmento sonoro em decorrência da pronúncia, nos vocábulos ‘pessoas’ > ‘peçoas’ e ‘boa’ > ‘boua’ (5 e 6). Na primeira palavra, ela usa o ‘c’ cedilha no lugar do dígrafo ‘ss’, e no segundo termo sucede o acréscimo da letra ‘u’ no interior da palavra, fenômeno conhecido como epêntese. Além disso, está “incorreto” o uso do ‘porque’ (6), por ser uma explicação ele deve ser escrito junto ao invés de separado.

Outro erro notado foi a ausência de acento no verbo de ligação ‘é’ > ‘e’ e nos termos ‘vê’ > ‘ve’, ‘só’ > ‘so’, ‘anúncio’ > ‘anuncio’ e ‘também’ > ‘tanden’. A aluna faz a supressão do ‘s’ no interior do pronome ‘esse’ > ‘ese’, evento assinalado como síncope. Além disso, a troca das consoantes oclusivas ‘b’ pela ‘d’ no vocábulo ‘também’ > ‘tanden e, no termo ‘gente’ (linha 8) a discente interpreta a última sílaba da palavra como morfema livre. Na sequência, há mais um fragmento:

Fragmento 06 – Texto de uma aluna do 8º ano, de 14 anos.



Transcrição do fragmento da atividade da aluna do 8º ano, de 14 anos.

- (1) 3- Como **Enlio** se caracteriza?
- (2) E muito legal i **Estrovestido**

Neste fragmento, a educanda, por não saber diferenciar o ‘m’ do ‘n’, como já foi mencionado anteriormente, escreve ‘Emílio’ > ‘Enílio’ (linha 1), com a letra ‘n’ no interior do vocábulo. Outro erro foi o alçamento da vogal ‘e’ e em ‘extrovertido’ > ‘estrovestido’ ocorre a troca das consoantes surdas ‘x’ por ‘s’, e este episódio é identificado como assimilação e a troca do ‘r’ pelo ‘s’ acontece ao contrário do anterior, é o evento chamado de dissimilação.

Como se pode perceber, a aluna cometeu muitos ‘erros’, entretanto, na atividade não foi feita nenhuma observação, apenas foi dado o visto na atividade da discente. Assim, a partir dos textos analisados é notória a necessidade de se ter um olhar perceptivo para se atentar das possíveis dificuldades dos alunos.

Nos textos analisados fica notório o reflexo da fala sobre a escrita. Os alunos têm muita dificuldade para escrever de acordo com a língua padrão. Nesta perspectiva, alguns alunos escrevem certas expressões do modo como falam. Os alunos cometem muitos erros que não deveriam mais persistir em anos finais do Ensino Fundamental. Assim, pode-se verificar que as dificuldades dos alunos são de diversas ordens e de diversos aspectos.

6. Considerações finais

Este estudo buscou analisar as marcas de oralidade na escrita de alunos de anos finais do Ensino Fundamental. Nesta etapa de ensino deve-se trabalhar para que o aluno entenda que a fala e a escrita são distintas e que não se escreve como se fala.

Os resultados mostraram que, mesmo sendo os últimos anos do ensino fundamental, os alunos ainda escrevem da forma como falam/com muitas marcas de oralidade, o que pode ser um problema para a sua vida acadêmica. Assim, pode-se dizer que ainda há muito a ser feito pela educação, principalmente a da zona rural.

É evidente que a variedade linguística está dentro das escolas e precisa ser trabalhada para proporcionar aos alunos a autonomia linguística. A escola deve assegurar aos seus educandos o conhecimento linguístico, levando em conta a realidade linguística do aluno; da comunidade e valorizando a sua cultura e a identidade.

Diante dos dados pode-se dizer que:

- o professor até percebe a diversidade linguística em sua sala de aula, mas não consegue fazer um trabalho com foco nela;
- muitas são as dificuldades enfrentadas pelos colaboradores para escrever.

Além das marcas de oralidade, a escrita dos alunos revela outras dificuldades, como problemas de:

- falta de segmentação;
- domínio do uso de maiúsculas;
- domínio do uso de algumas letras, como o “m” e “n”; entre outros.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Por a pesquisa estar voltada para o Ensino Fundamental, onde os passos são fundamentais para o processo de letramento, é natural se encontrar problemas na escrita dos alunos, porém desde que estes não sejam recorrentes e que sejam corrigidos gradativamente.

O contexto desta pesquisa precisa de uma atenção especial, pois não é aceitável que ‘erros’ como os que foram encontrados na produção destes alunos permaneçam. Percebe-se que algumas das inadequações são muito simples e que deveriam ter sido corrigidas nos primeiros anos da inserção do discente na escola, com um trabalho voltado para esses aspectos, como uma metodologia que abordasse um ensino contextualizado, para atender as reais necessidades dos educandos.

Portanto, pode-se reiterar que é relevante o trabalho realizado em sala de aula, no que tange ao combate da interferência da oralidade na escrita, pois foi possível perceber a necessidade de a escola oferecer um trabalho que aborde a variedade linguística, pois os alunos necessitam de orientações específicas, de forma que eles aprendam e saibam as diferenças existentes entre estas duas modalidades de comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. -Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. *Anuário brasileiro da educação básica*. Moderna, 2014.

_____. *Anuário brasileiro da educação básica*. Moderna, 2016.

COELHO, Izete; GORSKI, Edair; SOUZA, Christiane; MAY, Guilherme. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Da fala para a escrita: atividade de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARINHO, Ernandes Reis. *Um olhar sobre a educação rural brasileira*. Brasília: Universa, 2008.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MARTINS, Marco Antonio; VIEIRA, Maria Alice; TAVARES, Silvia Rodrigues. *Ensino de português e sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012. V. 1. 312p.

TAVEIRO-SILVA, Maria da Guia. *Letramento e linguagem em escola rural no Maranhão*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília. Brasília, 2012.